

Acordo com os bancos já está quase fechado

ROBERTO CUSTÓDIO
Da Sucursal

São Paulo — O acordo da dívida externa brasileira com os bancos credores privados está para ser fechado "em questão de horas", segundo afirmou ontem o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, a um grupo de empresários ingleses e brasileiros, reunidos na Câmara Britânica de Comércio do Brasil, em São Paulo. O País, segundo o ministro, obterá o melhor acordo já feito até hoje por países do Terceiro Mundo com os seus credores. "Vamos conseguir o maior prazo de pagamento, os juros mais baixos, a carência mais alta, e não teremos vinculação direta entre os desembolsos dos credores e do FMI. E já está superada a questão do arresto", garantiu.

Durante entrevista coletiva, depois do encontro com os empresários, o ministro foi mais cauteloso, explicando que o acordo está para ser fechado "em alguns dias", mas confirmando os detalhes sobre pagamentos, carência, juros e arresto e o total de recursos, cerca de 5,2 bilhões de dólares, que o País terá acesso até o final de 1989.

FASES

Aos empresários, o ministro fez um relato completo das negociações sobre a dívida externa brasileira, explicando que vencida a fase com os bancos credores privados, será fechado o acordo com o FMI. O FMI, acrescentou, aceitou o plano de ajustes econômicos brasileiro, com as metas de um déficit operacional de 4 por cento em 88 e uma meta de 2 por cento em 89.

A terceira fase, segundo disse o ministro, será a retomada de negociações com o Clube de Paris, que possibilitará ao País acesso a outros organismos multilaterais de financiamentos. Depois disso, o Brasil terá a chance de explorar um leque de alternativas para sua ação externa, ou seja, obter recursos de organismos como o Fundo Nakasone, para o qual o Brasil tem prontos 10 projetos prioritários que prevêem investimentos de 2 bilhões de dólares.

A intenção do Governo brasileiro, observou, é recuperar a confiança da comunidade financeira internacional para obter financiamentos externos. Como exemplo do que ocorre atualmente, lembrou que a Espanha, cujo espaço econômico é sensivelmente menor do que o brasileiro, terá acesso a um fluxo de capitais da ordem de 6 bilhões de dólares, enquanto o País negocia rolagem de sua dívida e recursos de 1,7 bilhão de dólares, com aval do FMI. O Brasil também quer retomar o acesso ao mercado voluntário de capitais externos, especialmente ligados ao Japão.

TARIFAS

Para recuperar a confiança externa, segundo Mailson, o Brasil deu um passo importante ao aprovar uma nova política industrial, acoplada a uma nova política de tarifas aduaneiras, abrindo a economia à participação estrangeira. As tarifas protegerão a indústria nacional, mas no caso de bens de capital, que é de interesse brasileiro fazer importações, terão alíquota média de 40 a 45 por cento, suficientes para entrada de máquinas e equipamentos para modernização do parque industrial.